



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

LAÍS DE ALBUQUERQUE RIBEIRO

**RESERVA TÉCNICA PROVISÓRIA: O PROCESSO DE ADEQUAÇÃO DE UM
ESPAÇO DENTRO DO INSTITUTO OFICINA CERÂMICA FRANCISCO
BRENNAND.**

Recife

2023

LAÍS DE ALBUQUERQUE RIBEIRO

**RESERVA TÉCNICA PROVISÓRIA: O PROCESSO DE ADEQUAÇÃO DE UM
ESPAÇO DENTRO DO INSTITUTO OFICINA CERÂMICA FRANCISCO
BRENNAND.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Museologia.

Orientador (a): Dra. Emanuela Souza Ribeiro.

Recife

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Ribeiro, Laís de Albuquerque.

RESERVA TÉCNICA PROVISÓRIA: O PROCESSO DE ADEQUAÇÃO DE
UM ESPAÇO DENTRO DO INSTITUTO OFICINA CERÂMICA
FRANCISCO BRENNAND / Laís de Albuquerque Ribeiro. - Recife, 2023.

50p. : il., tab.

Orientador(a): Emanuela Souza Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Museologia -
Bacharelado, 2023.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Reserva técnica. 2. Conservação preventiva. 3. Adequação de uso. 4.
Museus. I. Ribeiro, Emanuela Souza . (Orientação). II. Título.

060 CDD (22.ed.)

LAÍS DE ALBUQUERQUE RIBEIRO

**CONSERVAÇÃO PREVENTIVA: SEUS PROCESSOS DENTRO DA ADEQUAÇÃO
DE UMA RESERVA TÉCNICA PROVISÓRIA NO INSTITUTO OFICINA
CERÂMICA FRANCISCO BRENNAND.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Museologia.

Aprovado em: 15/05/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Emanuela Sousa Ribeiro. (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Daiane Silva Carvalho (Examinadora externa)

Ana Cláudia de Araújo Santos (Examinadora Interna)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a mim que apesar de todas as turbulências e barreiras que passei ao longo da jornada, na maior parte das vezes sem compartilhar ou verbalizar as frustrações e dificuldades com a família ou amigos por medo de incomodar, me mantive firme e empolgada o suficiente para dar continuidade aos estudos e a vida. Hoje posso compartilhar e me alegrar enormemente deste trabalho e comemorar com aqueles que fizeram parte do trajeto.

Agradeço a Deus pelas experiências e os amigos que a UFPE e a graduação me proporcionaram. Especialmente a turma de Museologia 2019.1 com os quais tive o prazer de compartilhar os perrengues, surtos, risadas e piadinhas. Todo carinho a Débora Moura, Íris Felix, Marcelo Serrão e Maryelly da Silva, lhes desejo prosperidade. Agradeço infinitamente a Amanda Paixão por ter segurado a minha mão e se tornado uma amiga tão querida desde o início da graduação, por todos os trabalhos em dupla, dúvidas, risos e surtos coletivos dentro do Barro (Várzea) Macaxeira, teria sido muito difícil sem sua companhia.

Aos meus pais Maria Aparecida de Albuquerque e Luiz Ribeiro que me criaram com muita educação e carinho, e mesmo nos momentos mais difíceis nunca me deixaram faltar nada e nem me impediram de sonhar, também a minha irmã Amanda Ribeiro que junto com minha mãe me educou e hoje me cuida tão bem, de formas que nem sempre mereço. Peço desculpas pelos momentos de rebeldia e pela distância que criei entre nós, então, venho por meio deste trabalho mostrar o resultado do investimento e afeto que depositaram em mim, anseio orgulha-los cada vez mais.

Agradeço enormemente a Danúbia Ferreira, uma amiga inigualável a qual tive o prazer de conhecer em meu primeiro estágio e que levo comigo desde então, obrigada por partilhar comigo toda sua grandiosidade, afeto e angústias ao longo do trajeto, por acreditar em mim, me apoiar e me ajudar a tocar essa pesquisa a frente, sendo a minha principal referência e inspiração, lhe desejo toda alegria e sucesso que houver, pois você merece.

Por fim, agradeço ao IOCFB que me permitiu participar e pesquisar este processo e a minha querida orientadora, Emanuela Sousa Ribeiro que me conduziu tão bem nos momentos de confusão e dúvidas durante a pesquisa, que acreditou no meu potencial e me acolheu como orientanda. A todos os professores que conheci ao longo da vida e aquelas pessoas que fizeram parte da minha jornada através dos estágios, Rebeca Matos, Marinez Teixeira, Bruno Araújo, Rayellen Alves e Débora Vicente, lhes desejo vida longa.

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam o mundo, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose. (IBRAM, 2009)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo pensar a contribuição da conservação preventiva na temática de Reserva Técnica, um dos espaços de maior importância das instituições museológicas que possuem acervos físicos. É nela onde as coleções que não estão expostas ficam salvaguardadas sobre a premissa da conservação preventiva e da segurança do acervo. Tendo em vista a carência de exemplos que mostram as aplicações desse conceito na prática e a realidade muitas vezes precária desses espaços dentro dos museus, buscamos abordar e analisar o tema com o intuito de entender seus ideais e contrapor ao processo de adequação de um espaço de uso comum em uma reserva técnica provisória dentro do Instituto Oficina Francisco Brennand. A pesquisa foi realizada através de pesquisas bibliográficas e documental e utilizou-se também a técnica da observação participante. Diante disso, obtivemos uma perspectiva dos conceitos de reserva técnica para a museologia, bem como, um detalhamento do processo realizado, relatando suas dificuldades e adaptações e por fim, a produção de uma ferramenta de diagnóstico de risco simplificada, que poderá ser utilizada por outros profissionais que precisam construir e gerir reservas técnicas provisórias.

Palavras-chave: reserva técnica; conservação preventiva, adequação de uso.

ABSTRACT

The present work aims to think about the theme of the Technical Reserve, one of the most important spaces of museological institutions that have physical collections. It is there where the collections that are not on display are safeguarded under the premise of preventive conservation and security of the collection. Bearing in mind the lack of examples that show the application of this concept in practice and the often precarious reality of these spaces within museums, we seek to approach and analyze the theme to understand its ideals and oppose the process of technical suitability of a space of common use in a provisional technical reserve within the Instituto Oficina Francisco Brennand. Discussion is carried out through bibliographical and documentary research that supports participant observation. Because of this, we obtained a perspective of the concepts of Technical Reserve for museology, as well as a detailing of the process carried out, reporting its difficulties and adaptations, and, finally, the production of a simplified risk diagnosis tool.

Keywords: technical Reserve; preventive conservation; technical suitability.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 –	Recorte de mapa que mostra a localização da oficina em meio a mata atlântica.	22
Figura 2 –	Obras bidimensionais acondicionadas em galeias.	26
Figura 3 –	As 6 camadas de envoltório.	28
Figura 4 –	Esquema de acondicionamento das obras bidimensionais com o uso de tendas, coberturas laterais, galeias e paletes.	30
Figura 5 –	IDR.	31
Figura 6 –	DPS.	31
Figura 7 –	Disjuntor Termomagnético.	32
Figura 8 –	Organização de obras maiores e enfileiradas.	34
Figura 9 –	Organização de obras maiores e enfileiradas.	35

DESENHOS

Desenho 1 –	Layout do espaço (revestimento em vidro pigmentado de amarelo).	25
Desenho 2 –	Organização da reserva técnica provisória	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas.
AVCB	Auto de Vistoria do corpo de bombeiros.
CCI	Canadian Conservation Institute.
DPS	Dispositivo de Proteção Contra Surtos.
ICROM	International Center for the Study of Preservation and Restoration of Cultural Property.
IDR	Interruptores Diferenciais.
IOCFB	Instituto Oficina Cerâmica Francisco Brennand.
NBR	Norma Brasileira.
PRONAC	Programa Nacional de apoio à cultura.
PVC	Policloreto de vinilo.
RT	Reserva Técnica.
TNT	Tecido não Tecido.
U.R	Umidade Relativa.
UV	Radiação Ultravioleta.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	O QUE CARACTERIZA UMA RESERVA TÉCNICA PARA A MUSEOLOGIA?	15
2	O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE UM ESPAÇO DE USO COMUM PARA UMA RESERVA TÉCNICA PROVISÓRIA	22
3	A FERRAMENTA DE DIAGNÓSTICO DE RESERVAS TÉCNICAS	36
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICE A - FICHA DE FERRAMENTA DE DIAGNÓSTICO	47
	ANEXO A - REQUISIÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE REGISTROS DOS ACERVOS INSTITUCIONAIS DO IOCFB	49

1 INTRODUÇÃO

A reserva técnica (RT) é um dos espaços de maior importância das instituições museológicas que possuem acervos físicos. É nela onde as coleções que não estão expostas ficam salvaguardadas sob a premissa da conservação preventiva e segurança do acervo, que engloba uma série de fatores para a devida conservação dos itens ali depositados, sendo alguns deles: controle ambiental (umidade, temperatura, etc.); controle biológico e segurança contra pragas; segurança contra roubos e furtos; segurança contra incêndios e curtos elétricos; controle de higiene e até mesmo controle de acesso. Apesar da importância das reservas técnicas, temos noção que em boa parte das instituições, seus princípios básicos não são atendidos por motivos diversos: financeiros, estruturais, emergenciais ou por falta de reconhecimento. Além dos problemas que evidenciamos, também há o fato de que em muitos museus, de grandes ou pequenas proporções, os locais de guarda não são pensados previamente ou junto à criação da instituição e acabam sendo utilizados, para fazer as vezes de reserva técnica, cômodos adaptados das estruturas originais da edificação, passando por poucos ou nenhum ajuste para que se tornem minimamente seguros e adequados para a salvaguarda dos acervos.

A Oficina Cerâmica Francisco Brennand é um museu localizado na cidade do Recife no bairro da Várzea, em meio a natureza e bem próxima ao rio Capibaribe. Constituída ao longo de 48 anos de trabalho do artista Francisco Brennand, que ocupou nos anos de 1971 as ruínas da antiga fábrica de cerâmica de seu pai, onde desenvolveu o que podemos chamar de sua maior obra: um espaço monumental cercado por seres cerâmicos que representam histórias mitológicas, grandes figuras, folhagens e frutos que se misturam a partes do corpo humano de forma única, dando vida ao lugar. Composto parte de um acervo que também esbanja desenhos e pinturas fascinantes, integrando a experiência de quem ali visita. Em 2019 ainda em vida, Francisco Brennand transformou a “Oficina Cerâmica Francisco Brennand” no “Instituto Oficina Cerâmica Francisco Brennand” (IOCFB).

A instituição contava com um espaço de salvaguarda tecnicamente estruturado, mas de uma forma básica, que contava com um projeto da Arquiteta e Museóloga Franciza Toledo, que não abarcava grande parcela dos diversos materiais e técnicas presentes no acervo. A reserva técnica (RT) original do IOCFB é localizada em uma sala do prédio Accademia, projeto do Arquiteto Reginaldo Esteves, inaugurado no ano de 2003. O prédio contém no total mais de mil metros quadrados, abrigando uma ampla sala de exposição; espaço destinado a RT; sala pensada para uma futura biblioteca, mas que atualmente abriga o escritório

administrativo, além de prédio anexo que possui o Auditório Heitor Villa-Lobos com capacidade para cerca de 128 pessoas, que futuramente viria a ser intitulado Teatro Deborah Brennand.

No ano de 2019, após a mudança de gestão privada para instituição sem fins lucrativos, o Instituto recebeu um financiamento do Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC) visando a reestruturação da RT existente. Com isso surgiu a necessidade de adequar um outro espaço para guardar o acervo durante o período de realização da reforma. O espaço escolhido para ser a reserva técnica temporária foi um prédio denominado de Estádio, normalmente utilizado como salão de festas, que faz parte de uma grande estrutura dividida em três sessões, contando ele com cerca de quase mil e quatrocentos metros quadrados totais, mas que abriga cinco pequenas salas em uma de suas extremidades, o qual estará sendo tratado, neste trabalho, como um *espaço de uso comum*, já que não foi previamente pensado para abrigar o acervo e suas coleções. Essa grande mobilização em torno da reestruturação da RT já existente, se deu a partir do entendimento de sua importância fundamental para a conservação e preservação do acervo, tal qual a importância da comunicação que acontece por meio dos espaços expositivos e ações educativas.

Ao longo dos estágios que realizei na área da museologia, vivenciei as dinâmicas de três instituições/museus diferentes, de acervos diversos. Nesse tempo pude perceber a precarização e desatenção quanto aos espaços que deveriam funcionar como Reservas Técnicas, locais responsáveis pela guarda dos acervos museológicos. Frente a isso, acredito ser importante registrar o processo que visa a adequação de um espaço de forma a servir de exemplo para demais instituições que venham necessitar da adaptação de espaços de uso comum para o uso como RTs temporárias.

Diante da pesquisa bibliográfica realizada previamente é perceptível que são poucos os estudos produzidos até o presente momento, e na maioria das vezes tratam de questões muito específicas, gerando uma carência na prática profissional e no dia-a-dia dos processos museológicos. Geralmente reservas técnicas são geridas como depósitos, e não somente depósitos de acervos museológicos, mas, acervos documentais, materiais diversos, produtos químicos, equipamentos de uso cotidiano ou não, que não deveriam ocupar o mesmo local que obras de artes e coleções por questões básicas de segurança. Diante desta realidade, essa pesquisa se dispõe a compreender as reservas técnicas como uma área de extrema importância para a museologia e para a conservação dos acervos institucionais.

A presente pesquisa foi realizada através dos procedimentos de revisão bibliográfica e de pesquisa de campo no Instituto Oficina Cerâmica Francisco Brennand.

A pesquisa de caráter bibliográfico foi "[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos." (Gil, 1999, p.44). O levantamento inicial foi realizado por meio da base de dados do Google Acadêmico, buscando pela temática de Reservas Técnicas, Conservação, Conservação preventiva, manuais de Conservação, e para além disso, foram pesquisados artigos sobre o espaço da Oficina Cerâmica Francisco Brennand e sobre sua obra. Acerca das RTs privilegiamos os seguintes autores: Froner (2008), Mirabile (2010), Tostes (2005), que apresentam os principais textos sobre reserva técnica na museologia e na conservação. Também foram utilizados, como referencial teórico, o Guia de gestão de riscos para o patrimônio museológico - ICCROM¹, e a lei 11904/2009 - Estatuto de Museus para tratar de uma série de itens que a legislação entende como necessárias no âmbito da conservação e preservação dos acervos museológicos.

A pesquisa documental, de acordo com Gil (1999, p.46) se diferencia porque "[...] enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas sobretudo por material impresso localizado nas bibliotecas, na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas.". E neste trabalho a pesquisa documental, que se deu através de consulta a documentos do próprio Instituto Oficina Cerâmica Francisco Brennand - relatórios e documentos, recortes de jornais, trechos de entrevistas do artista e etc. - utilizados pelos funcionários para documentar procedimentos adotados anteriormente com funções semelhantes ou endereçadas ao acervo ou à antiga versão da Reserva Técnica, todos localizados no acervo da própria instituição.

Para além dessa compreensão, a pesquisa de campo visou relatar o acompanhamento de uma série de procedimentos, por meio de uma pesquisa descritiva que "têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis." (Gil, 1999, p.42), aliada a uma observação participante que "consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada." (Gil, 2008, p.103), realizados no período de outubro de 2021 até abril de 2023, pela equipe de acervo do Instituto Oficina Cerâmica Francisco Brennand.

Por fim, construiu-se uma ferramenta de pesquisa que consiste em um diagnóstico simplificado de Reservas Técnicas, e foi aplicado nas instalações da reserva técnica provisória em estudo, onde irei me basear nos conceitos e textos já citados anteriormente. Sua elaboração partiu de uma adaptação da ferramenta Re-org, metodologia desenvolvida pelo

¹ IBERMUSEUS, ICCROM, 2017 (versão em português). Guia de gestão de Riscos. ISBN 978-92-9077-270-5. Disponível em: <https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-01/guia_de_gestao_de_riscos_pt.pdf>

ICROM. Essa adaptação visa focar nos itens relacionados aos espaços, acondicionamento e segurança dos objetos, que foram selecionados e adaptados levando em consideração os textos utilizados durante o trabalho que baseiam as questões de conservação e conservação preventiva, viabilizando um rápido diagnóstico das adequações realizadas no espaço.

2. O QUE CARACTERIZA UMA RESERVA TÉCNICA PARA A MUSEOLOGIA?

A partir dos anos 1960 grandes instituições museais passaram por uma reorganização nos seus modelos de exposição (Tostes, 2005). Antes projetados para exibir a maior parte dos seus acervos, as peças que não se encontravam expostas costumavam permanecer em espaços físicos comuns do museu, que não contavam com o básico para a conservação dos objetos. Naquele período as grandes salas cheias de itens foram substituídas por um espaço expositivo de aparência “enxuta” que conseqüentemente despertou a necessidade de mais locais de salvaguarda nos museus, colocando suas vastas coleções em contato com ambientes inadequados que não suportavam sua densidade, além disso as coleções não passaram por nenhuma espécie de curadoria ou triagem para evitar a sobrecarga daqueles espaços já existentes, “Como conseqüência, muitas reservas estão recheadas de objetos questionáveis, hoje protegidos sob o guarda-chuva de preservar a memória de alguém de alguma coisa, revestidos da aura de eternidade física e espacial.”(Tostes, 2005, p.77). Situação que na maior parte das instituições não foi provisória, tornando-se os locais oficiais de guarda e trazendo danos cumulativos e degradantes para os itens, além de coleções sobrecarregadas, contendo diversos itens sem informações de entrada/aquisição.

Yacy-Ara Froner (2008) também retrata um pouco desse momento, ao mostrar que o cenário acima não está tão distante das reservas técnicas atuais no mundo, as quais geralmente não recebem o devido investimento frente a sua importância para a durabilidade e preservação dos objetos dos museus.

Não é raro encontrarmos ainda hoje áreas de Reserva Técnica que, por falta de um esclarecimento maior em relação ao manejo de coleções, sejam tratadas como meros complementos de laboratórios ou depósitos de materiais museográficos (Froner, 2008, p.3).

Na verdade, segundo as pesquisas realizadas é muito frequente encontrar instituições que ainda lidam com suas reservas de forma semelhante a depósitos ou salas de apoio às exposições. Algumas delas inclusive, compreendem a necessidade de uma separação e de um projeto que abarque os materiais e peças que compõem suas coleções, mas, não possuem condições financeiras para tal investimento e caso contem com alguns profissionais com noções básicas de conservação preventiva, acabam criando alternativas mais acessíveis,

muitas vezes custeadas e executadas manualmente pela própria equipe ou com orçamentos muito apertados fornecidos pela instituição.

No caso do Instituto Oficina Cerâmica Francisco Brennand, por muitos anos o museu contou com uma exposição de longa duração, de curadoria do artista, que exibia cerca de 90% das peças em cerâmica nos grandes galpões abertos, denominados de salões de exposição, e em áreas externas da propriedade, além de boa parte das obras pictóricas em uma exposição de curadoria de Emanuel Araújo, que ocupava a grande sala de exposição localizada no prédio da Accademia, se assemelhando a antiga forma de expor citada por Vera Tostes, contudo, ainda assim a reserva técnica do museu não comportava a grande produção de obras pictóricas do artista, gerando por muitos anos um local quase que repleto de obras em todos os espaços, e que nos anos próximos a sua morte já não comportava o grande número de obras, estando completamente sobrecarregado, desde traneis, gradis, paredes e até mesmo partes do chão. Além disso compartilhavam desse mesmo espaço, acervos documentais e bibliográficos, bem como materiais expositivos e de uso diário

Os debates sobre os espaços destinados à guarda dos objetos de museus são cada vez mais frequentes, ao longo dos anos vários museólogos e conservadores têm se dedicado a entender as necessidades desses locais e seus ideais (Tostes, 2005; Froner, 2008; Mirabile, 2010). Dentre eles discussões sobre a importância da acessibilidade, segurança e comunicação das coleções dentro das reservas técnicas, além de sua influência na conservação dos acervos, visto que os ambientes aos quais os acervos são submetidos contribuem fortemente para sua degradação ou preservação.

Nas pesquisas realizadas até então, a primeira referência encontrada sobre o assunto foi o caderno "Tópicos em conservação preventiva-8" da pesquisadora Yacy-Ara Froner Gonçalves publicado no ano de 2008, cujo restauro e conservação são duas de suas especialidades. De acordo com a autora: "a Reserva Técnica torna-se o espaço físico destinado ao armazenamento seguro do acervo, ficando este disponível à pesquisa ou às práticas museológicas quando requisitado." (Froner, 2008, p.9). E deve ser considerado um espaço tão importante quanto os demais espaços da instituição, entendendo sua influência direta na vida útil daqueles objetos.

Sendo o IOCFB um museu de modelo tradicional, que segundo Scheiner (1998), são instituições que têm como base o objeto, sobre o qual constituem suas narrativas que algumas vezes tendem a recriar o contexto no qual o objeto estava inserido antes de fazer parte da coleção, ou como no caso do IOCFB, um museu de Arte que constrói sua narrativa a partir do trabalho e visão do artista, nessa perspectiva compreende-se que, sem a presença do objeto

não existe museu. Portanto é de extrema importância prezar pela segurança e salvaguarda dos acervos, estando eles expostos ou acondicionados em uma RT. Atualmente existem diversas tipologias de museus que não possuem acervos físicos tridimensionais, mas que em algumas situações possuem uma necessidade semelhante à de uma RT para a salvaguarda de suas produções documentais, fotográficas e etc., que demandam os mesmos princípios de conservação.

No projeto arquitetônico, a Reserva Técnica deve ser prevista não como uma área inferior, de menor importância em relação às áreas expositivas, de pesquisa ou administrativas. Seu valor é estratégico, demanda planejamento de segurança e controle climatológico estrito (Froner, 2008, p.4).

Ainda segundo a autora, os projetos envolvendo RTs devem estar, desde o início, alinhados aos princípios de uma conservação preventiva, que abarca os impactos causados pela influência do meio ambiente sobre o acervo, e se estendem desde condições de iluminação, conforto térmico, umidade, controle biológico, até questões envolvendo manuseio, acondicionamento e transporte, interferindo diretamente no processo de degradação dos materiais que compõem as coleções (Froner, 2008). É importante frisar que para maior eficiência desses processos, é imprescindível relacioná-los ao desenvolvimento de uma documentação museológica e políticas bem elaboradas.

Corroborando com esses procedimentos iremos utilizar o conceito de Conservação do Professor e Arquiteto Frank Matero trazido no texto de Froner (2008) que apresenta características técnicas observadas durante o projeto de adequação realizado no espaço estudado dentro do Instituto Oficina Cerâmica Francisco Brennand. Que diz:

A Conservação emerge como uma disciplina híbrida, dedicada à salvaguarda do patrimônio cultural, observando e analisando a transformação, deterioração e manutenção da cultura material; conduzindo investigações para determinar a causa, o efeito e a solução de problemas; e direcionando intervenções curativas e preventivas focadas na manutenção da integridade e da qualidade de documentação histórica, seu uso e suas associações (Matero, 2001 apud Froner, 2008).

Froner (2008) também destaca três aspectos específicos que devemos observar na estrutura de uma Reserva Técnica bem estruturada e própria para acondicionar os acervos. Certamente, sendo esses aspectos adaptados e pensados de acordo com os materiais que ali

serão depositados e em caso de ser a adequação de um espaço de uso comum, é ideal que se observe:

- 1) Segurança contra acidentes, roubo e vandalismo;
- 2) Controle ambiental em relação aos elementos que promovem a degradação material das estruturas físico-químicas dos elementos que compõem os objetos das coleções: luz, temperatura, umidade, poluição e ataque biológico;
- 3) Armazenagem segura, envolvendo suportes e suplementos estáveis e inertes nos métodos de acondicionamento do acervo, além de mobiliário adequado (Froner, 2008, p.9).

Seguindo com Antônio Mirabile, 2010 conservador de papel e consultor da área de conservação preventiva, as reservas técnicas englobam um conjunto de fatores que influenciam em seu bom funcionamento, que são eles: seus critérios de funcionalidade, consulta, preservação e segurança. Para além disso:

As funções de uma reserva técnica devem ser integradas ao projeto científico e cultural do museu, e devem seguir um esquema de interconexão do centro do edifício com o conjunto de equipamentos técnicos e com os espaços (Mirabile, 2010, p.5).

Contribuindo com o argumento das autoras anteriores de que a Reserva Técnica é um elemento a ser pensado previamente nas fases de programação do espaço como um todo e que deve ser continuada nas fases operacionais (Mirabile, 2010), o autor reforça a necessidade da integração da Reserva Técnica com as demais áreas do Museu, compreendendo a necessidade de um bom desempenho documental, político e comunicativo para o funcionamento geral da instituição, mas também para o funcionamento técnico da Reserva pensando essa integralização também no contexto estrutural.

E para além disso deve ser acompanhada e monitorada por uma equipe de profissionais capazes de identificar alterações e riscos naquele espaço de guarda. Por esse motivo é necessário que exista simultaneamente um: “sistema que se adapte e aprimore em função da evolução da instituição, e que se projete e se realize de maneira durável no tempo.” (Mirabile, 2010, p.5). O que se alinha ao pensamento de Froner (2008) sobre a ligação do desempenho de uma reserva técnica com as demais áreas de gestão do Museu.

Mirabile (2010), assim como Froner (2008) observa itens que compõem as funções do espaço que intensificam a efetividade da salvaguarda dos acervos, que são:

- (i) responder às exigências da conservação, limitando e antecipando os riscos de degradação, substituindo-os por condições favoráveis de conservação.
- (ii) facilitar o acesso às coleções, a fim de favorecer o estudo e a difusão dos bens culturais.
- (iii) permitir a movimentação das coleções, garantido a preservação e a segurança dos bens culturais (Mirabile, 2010, p.5).

Alguns de seus tópicos se assemelham a itens que baseiam uma lei francesa de 2002 trazida no texto de Tostes (2005), que reforça os questionamentos sobre essa interconexão das áreas de um museu e a sua Reserva Técnica:

1. Conservar, restaurar, estudar e divulgar as coleções.
2. Tornar as coleções acessíveis ao público.
3. Desenvolver e implementar uma política de disseminação educacional e cultural que garanta acesso igualitário e cultural para todos.
4. Contribuir para o desenvolvimento e disseminação do conhecimento e da pesquisa. (Tostes,2005, p.78).

Na Lei nº 11.904/2009, o Estatuto de museus, é possível observar novamente pontos semelhantes aos já citados por Tostes (2005), Froner (2008) e Mirabile (2010), sugerindo uma convergência para com as necessidades básicas de preservação, conservação e segurança dos acervos museais. O Estatuto dos Museus apresenta um entendimento bem definido sobre as necessidades básicas e de cumprimento “obrigatório” dos museus para com seus acervos e coleções, que nas condições ideais deverão ser executados principalmente nos espaços de RT. Tal entendimento está expresso nos Art.21² ao Art.24 da legislação.

² “Art. 21. Os museus garantirão a conservação e a segurança de seus acervos.

Parágrafo único. Os programas, as normas e os procedimentos de preservação, conservação e restauração serão elaborados por cada museu em conformidade com a legislação vigente.

Art. 22. Aplicar-se-á o regime de responsabilidade solidária às ações de preservação, conservação ou restauração que impliquem dano irreparável ou destruição de bens culturais dos museus, sendo punível a negligência.

Art. 23. Os museus devem dispor das condições de segurança indispensáveis para garantir a proteção e a integridade dos bens culturais sob sua guarda, bem como dos usuários, dos respectivos funcionários e das instalações.

Parágrafo único. Cada museu deve dispor de um Programa de Segurança periodicamente testado para prevenir e neutralizar perigos.

Art. 24. É facultado aos museus estabelecer restrições à entrada de objetos e, excepcionalmente, pessoas, desde que devidamente justificadas.”

No Art.21 e demais, é visto que as instituições possuem a liberdade de elaborar seus programas de proteção referente ao acervo, instalações e usuários do museu (funcionários, público e etc.) que devem ser testados com regularidade, garantindo sua funcionalidade, bem como suas políticas de acesso. Também podemos observar que embora haja essa flexibilização, ainda assim na maioria das instituições esses requisitos não condizem com a realidade ou não são plenamente executados. Fica instituída a importância da continuidade desses processos junto aos demais realizados na instituição. Na subseção IV da Seção II do Estatuto de Museus do Art.39³ ao Art.41 apresentam uma profunda ligação entre a documentação museológica, políticas de aquisição e descarte, os processos de inventário e registros das peças e a preservação dos acervos, que se dá em maior parte dentro das reservas técnicas das instituições, aliados a uma organização e acessibilidade eficazes às peças, de modo que esses procedimentos interferem nas ações preventivas realizadas dentro das RTs.

Quando os autores abordam a ideia de que a RT deve contar com uma sala de apoio que abrigue as atividades cotidianas e eventuais relacionadas aos procedimentos físicos que envolvem o acervo, mas que para além disso existam dependências específicas para a realização dos processos de documentação, restauração e pesquisa, enfatizam a ideia de que outros setores "práticos" das instituições também estão diretamente ligados às funcionalidades de uma RT, como por exemplo: as coordenações de pesquisa, educação, curadoria, manutenção e até mesmo o administrativo.

Embora algumas dessas coordenações não tenham acesso ao acervo ali guardado, contribuem para a gestão e segurança das obras e outras para a comunicação entre acervo e público. Ao longo das pesquisas é possível perceber uma unanimidade entre os autores e legislações que reforçam a posição das reservas técnicas como um dos pontos mais imprescindíveis das instituições museais que abrigam acervos físicos, tanto para a

³ “Art. 39. É obrigação dos museus manter documentação sistematicamente atualizada sobre os bens culturais que integram seus acervos, na forma de registros e inventários.

§ 1o O registro e o inventário dos bens culturais dos museus devem estruturar-se de forma a assegurar a compatibilização com o inventário nacional dos bens culturais.

§ 2o Os bens inventariados ou registrados gozam de proteção com vistas em evitar o seu perecimento ou degradação, a promover sua preservação e segurança e a divulgar a respectiva existência.

Art. 40. Os inventários museológicos e outros registros que identifiquem bens culturais, elaborados por museus públicos e privados, são considerados patrimônio arquivístico de interesse nacional e devem ser conservados nas respectivas instalações dos museus, de modo a evitar destruição, perda ou deterioração.

Parágrafo único. No caso de extinção dos museus, os seus inventários e registros serão conservados pelo órgão ou entidade sucessora.

Art. 41. A proteção dos bens culturais dos museus se completa pelo inventário nacional, sem prejuízo de outras formas de proteção concorrentes.

§ 1o Entende-se por inventário nacional a inserção de dados sistematizada e atualizada periodicamente sobre os bens culturais existentes em cada museu, objetivando a sua identificação e proteção.”

conservação e durabilidade das coleções, quanto para os demais processos e atividades relacionados ao acervo. Também se observa que uma reserva técnica bem estruturada não é uma realidade comum dentro das instituições museais e que para além dos procedimentos técnicos de conservação e conservação preventiva envolvendo os objetos, é necessário o envolvimento de todos os setores do museu, pois uma boa RT implica em um bom funcionamento institucional, seja ela uma reserva técnica definitiva ou um espaço adequado para a guarda dos acervos.

2. O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE UM ESPAÇO DE USO COMUM PARA UMA RESERVA TÉCNICA PROVISÓRIA

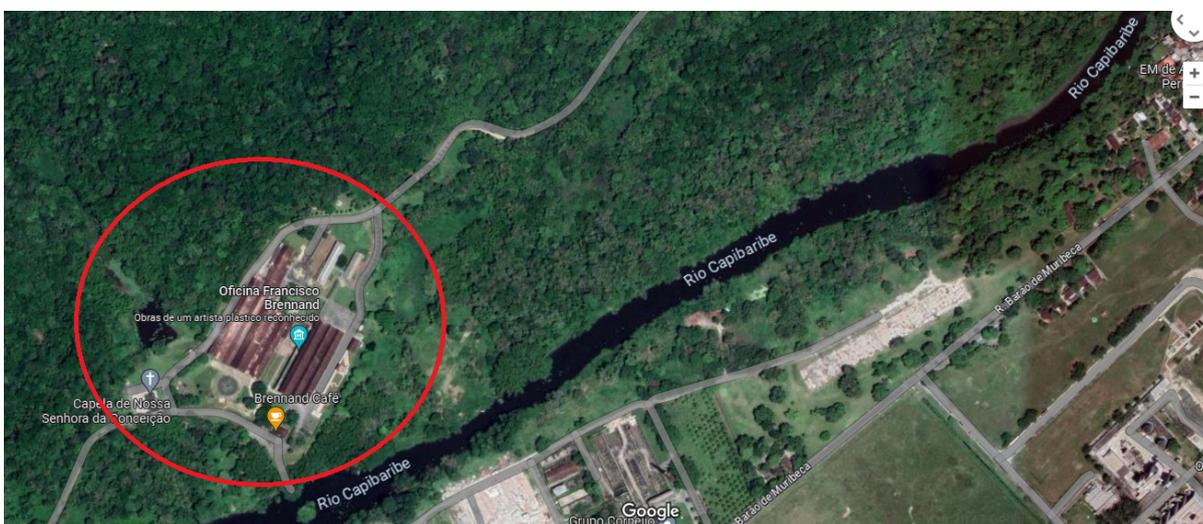
Nessa seção iremos descrever um pouco sobre o processo de adaptação realizado no espaço escolhido para abrigar a reserva técnica provisória e a relação do Instituto Oficina Cerâmica Oficina Brennand com a reserva técnica oficial.

2.1. A Oficina Cerâmica e um pouco da Reserva Técnica oficial

Hoje a Oficina é consolidada em um espaço que já foi de propriedade do Barão de Muribeca, Manuel Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, onde posteriormente foi ocupada por uma fábrica de telhas e tijolos que pertencia ao pai de Francisco Brennand, Ricardo Lacerda de Almeida Brennand, conhecida como Cerâmica São João, fundada por volta de 1917. Ao visitar o que chama em seus textos de “as ruínas da fábrica”, o artista convence seu pai a permitir a instalação de seu ateliê nas estruturas dos locais, assim, por alguns anos os fornos utilizados para a queima de suas peças ainda eram divididos com a queima dos produtos da cerâmica São João. Só no ano de 1974 que o espaço foi adquirido pelo artista e passou a ser integralmente seu, recebendo a dedicação monumental que a transformou no que é hoje.

Localizada em meio aos resquícios da mata atlântica na cidade do Recife e bem próxima ao rio São Capibaribe, as terras do Engenho Santos Cosme e Damião, no bairro histórico da Várzea, abrigam o monumento considerado a maior obra do artista, que é de fato todo o conjunto da oficina.

Figura 1 - Recorte de mapa que mostra a localização da oficina em meio a mata atlântica.



Fonte: Google maps (2023)

A propriedade ocupa uma área de grande extensão em meio a vegetação e estruturas enormes que abrigavam a antiga fábrica e vieram a abrigar o museu e suas obras. Para a chegada até o museu o visitante por uma estrada de barro em meio a grandes árvores e vegetações, deparando-se no final com uma composição de arquitetura, arte e natureza, construída ao longo dos anos de vida de Francisco Brennand e atualmente é perpetuada através da equipe do Instituto Oficina Cerâmica Francisco Brennand.

Sem dúvidas a constância do artista no espaço viabilizou a construção de itens tão importantes para uma instituição museal, como exemplo a reserva técnica, que embora nos anos finais de sua produção já não comportava mais a densidade de obras, foi um espaço constituído em meados de 2005/2006 para completar uma parte do prédio construído no ano de 2003 a “Accademia” - o prédio contém no total mais de mil metros quadrados, abrigando uma ampla sala de exposição; espaço destinado à reserva técnica; sala pensada para uma futura biblioteca, mas que atualmente abriga o escritório administrativo, além de prédio anexo que possui o Auditório Heitor Villa-Lobos com capacidade para cerca de 128 pessoas, que futuramente viria a ser intitulado Teatro Deborah Brennand. A RT foi projetada a partir das orientações de uma museóloga arquiteta, Franciza Toledo. O espaço foi pensado para abrigar em média 800 obras bidimensionais, seria composto por mobiliários que envolvem traineis e mapotecas, itens de apoio e um espaço de trabalho para o funcionário responsável pelo espaço.

Mesmo que tardio é interessante perceber a preocupação do artista com a salvaguarda de seus itens e de entender a necessidade de uma profissional da área para basear o projeto e as diretrizes deste local, como vimos na seção anterior, é comum que a reserva técnica não seja previamente pensada ou cogitada na concepção do museu, mas são raras as vezes que museólogos estão inseridos nesses projetos mesmo em museus já estruturados que desejam constituir um espaço adequado para a guarda de seu acervo.

2.2. A Reserva Técnica provisória e o processo de adequação

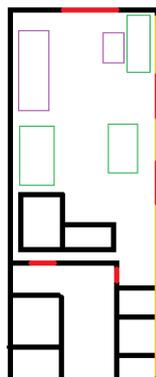
Conforme já discutido na seção anterior, facilmente encontramos instituições que ainda tem suas reservas atreladas a depósitos ou salas de apoio às exposições; no caso em estudo, a reserva oficial, que está passando por uma reforma, já tinha seu espaço muito dividido com itens de depósito ou almoxarifado do próprio uso do acervo. Assim, quanto teve início o projeto de reforma da reserva técnica oficial, foi preciso realocar os itens

bidimensionais e os demais que ficavam acondicionados ali para um outro local da instituição, o galpão denominado de “Estádio” que era utilizado como salão de festas. Por se tratar de um espaço de uso “comum” sem especificações mínimas para receber esse tipo de funcionalidade, foram realizadas mudanças pontuais dentro desse novo espaço, visando uma melhor organização e acondicionamento das obras e são essas adaptações que passamos a apresentar a seguir

Antes da realocação das peças para o Estádio, realizou-se uma ação de esvaziamento e limpeza que envolveu a equipe de acervo e a equipe de manutenção com a proposta de preparar a área para a chegada dos itens. Conforme já analisado, todos os projetos envolvendo as RTs precisam prezar pelos princípios da conservação preventiva, até mesmo uma RT provisória, como é esse caso, levou em consideração aspectos relativos às condições de iluminação, conforto térmico, umidade, controle biológico, até questões envolvendo manuseio, acondicionamento e transporte, mesmo que de forma temporária.

Foi escolhido um espaço amplo, de estrutura retangular e pé direito alto (8,12m), que apresenta quatro grandes portões, sendo dois localizados em uma das laterais e os outros dois dispostos um em cada extremidade que contam com segurança constante e facilitam as movimentações do acervo. Nos fundos da estrutura encontram-se cinco pequenas salas utilizadas por outros setores da instituição e um espaço utilizado pelos funcionários como refeitório, que são separadas do restante do galpão por uma parede de drywall com outras duas entradas, uma delas utilizada cotidianamente pela equipe para acessar o espaço e a outra inicialmente pensada para passar com o carro plataforma (utilizado para transportar obras) mas que atualmente está desativada. Após essa divisória encontram-se dois sanitários desativados e duas salas formadas por estruturas modulares em TS (painéis em laminado melamínico estrutural) que abrigam uma coleção que não está integrada ao acervo estudado nesta pesquisa. Por toda extensão da lateral esquerda do galpão existe um revestimento em vidro que permite a entrada de luz solar em toda área em que as obras estão salvaguardadas, sendo um dos principais desafios para a conservação das peças essa incidência de luz constante sobre o acervo, que contribui para a degradação das obras em papel e em tela, caso se tratasse de uma condição permanente seria interessante revestir os vidros com películas de proteção contra raios ultravioletas, garantindo um menor acúmulo de danos da ação desses raios nas obras sensíveis.

Desenho 1 - Layout do espaço (revestimento em vidro pigmentado de amarelo e portões na cor vermelhas).



Fonte: Elaboração Própria (2023)

Mas o espaço estava sendo organizado buscando atender, tanto quanto possível, as orientações de conservação preventiva, com a limitação de orçamento de caráter provisório, inviabilizando algumas das possíveis mudanças pensadas pela equipe, como por exemplo: o custeamento do funcionamento dos ar-condicionado do espaço.

Com a movimentação das obras para a realização da reforma, foi necessário pensar formas de organizar e armazenar o acervo. No âmbito da organização, a principal preocupação foi não perder a organização espacial que já existia, tendo em vista que o sistema de documentação museológica da Instituição já apresentava indicação da localização da maioria das peças. Assim, inicialmente, as peças foram separadas de acordo com os lugares que ocupavam na reserva técnica oficial - que já constavam no arrolamento e nas fichas de catalogação de alguns itens - e, em um segundo momento foram realizadas marcações nas galeias que saíam da RT oficial para a RT provisória, a fim de garantir que as peças se mantivessem minimamente agrupadas na nova RT tal como estavam na anterior. Também foram adquiridos alguns materiais pensados para auxiliar no transporte, acondicionamento e disposição das obras.

Por se tratar de um acervo composto por uma densa quantidade de obras bidimensionais de tamanhos variados, foram pensadas duas formas de armazenamento: Sendo a primeira delas, galeias com as seguintes dimensões: 31 cm de altura x 57 cm de largura x 77cm, utilizadas para armazenar os quadros menores e compatíveis, enfileirados, inicialmente separados uns dos outros por pedaços de isopor (poliestireno expandido) que não se trata do material mais indicado para esse tipo de ação - que atualmente não é mais utilizado, ficando as obras organizadas com a parte dos vidros dos quadros ficam uma de frente para a outra e

consequentemente os versos também só são apoiados no verso de outro quadro. Sob os paletes e as galerias foram utilizadas tendas piramidais de dimensões 3,1 x 3,1m com a intenção de proteger as obras contra respingos de chuvas e sujidades do telhado.

Figura 2 - Obras bidimensionais acondicionadas em galeias.



Fonte: Acervo pessoal (2023)

A segunda forma de acondicionamento do acervo foi aplicada para obras de maior porte: fileiras compostas por telas e obras em madeira, de tamanhos maiores, foram acondicionadas umas seguidas das outras apoiadas nas paredes, sobre uma estrutura de um único andar formada por paletes de madeira e cobertos também por tendas piramidais.

Outros problemas de conservação ocorreram, desta vez relacionados aos materiais utilizados no acondicionamento das obras. A marcação das galeias, anteriormente mencionada, foi feita com etiquetas e fitas adesivas, algumas vezes coladas diretamente no corpo da moldura, o que poderia vir a manchar e transferir sua cola adesiva para a madeira ou material que compõe a moldura da obra. A incidência deste problema só poderá ser aquilatada no futuro, pois, a visualização do dano causado pela transferência da acidez do adesivo para o suporte que compõe as molduras só pode ser vista a olho nu após certo período de tempo.

Outra questão associada à conservação das obras que teve relação direta com o material utilizado para o acondicionamento das peças durante a transferência das peças para a RT provisória foi causada pelo uso do isopor (poliestireno expandido) para realizar a separação das peças. Sabe-se que o isopor não é o material mais indicado para esse tipo de ação, principalmente por se tratar do acondicionamento de um acervo que iria passar por uma sequência de movimentações para ajustes no espaço, de modo que o isopor poderia se tornar

abrasivo para as obras em tela e contribuir para o acúmulo de sujidades, uma vez que é um material que se fragmenta com facilidade e deixa resquícios nas molduras e galeias.

Mesmo já tendo enfrentado alguns transtornos com relação a higiene das peças, do espaço físico e dos trabalhadores do Instituto por conta da utilização de isopores de gramatura mais fina para a separação de algumas obras, foi recomendado à equipe a aquisição de novos isopores de uma gramatura um pouco maior (5cm de espessura) para realizar a separação de grande telas e quadros com fragilidades. Nesse momento teria sido mais adequada, em termos de conservação preventiva, a substituição dos isopores por materiais inertes que são mais indicados para ações de conservação de obras de arte; o material mais indicado teria sido a espuma de polietileno (*Ethaphoam*) ou de *FOAM* (placa de espuma de PVC revestida de papel), encontrados em diferentes gramaturas que auxiliam na criação de uma barreira de contato entre as obras, sem causar grandes atritos ou sujidades, pois, “devem-se levar em conta as considerações de ordem física: a distribuição inadequada do peso pode provocar distorções e rachaduras, e os materiais duros ou abrasivos podem deixar marcas na superfície dos artefatos, nos casos de choque ou vibração”(Tétreault, 2011, p.95).

Ainda em relação ao aspecto da higienização do espaço da RT provisória, em meados de abril de 2022 foi realizada uma segunda grande limpeza no local, dessa vez focada na retirada de materiais que não deveriam estar depositados em um local de guarda, visto que a RT provisória estava sendo utilizada também como um depósito de materiais. No caso da RT em questão, muitos desses materiais eram acumulados visando um reaproveitamento futuro, contudo acabavam tumultuando e trazendo desorganização e sujidades para as obras.

Nesta ocasião foram descartados materiais como: plástico bolha, tnt (tecido não tecido), papel, isopor, lona, embalagens plásticas e caixas de madeira, que foram brevemente utilizados e não haviam sido descartados. trazendo para o ambiente um aspecto desorganizado, acúmulo de sujidades, atraindo insetos, principalmente insetos xilófagos (que se alimentam de celulose), aumentando enormemente a emissão de gases que contribuem para a acidez nos suportes em papel e em tela, agravando as condições de degradação das peças. Visto essa situação, entende-se a questão da preservação ambiental e a necessidade de reciclagem dos materiais, mas é preciso frisar que o local que foi escolhido para salvaguardar uma coleção não deve ser visto como um almoxarifado. É interessante que a instituição encontre um espaço separado para guardar esse tipo de item e que haja uma triagem para avaliar a possibilidade efetiva de reaproveitamento pela própria instituição, restando sempre a possibilidade de doação dos materiais para usinas de reciclagem.

As mudanças seguintes iniciaram com a preocupação da chegada de fortes chuvas na

cidade do Recife, entendendo que a Oficina Cerâmica Francisco Brennand está localizado no bairro da Várzea - Recife, muito próxima às margens do Rio Capibaribe, onde a elevação do nível do rio poderia atingir as instalações em que está sendo mantido o acervo por se tratar de um ambiente térreo, por isso é pensado a importância das camadas de proteção que envolvem o acervo citadas no “Guia de gestão de riscos para o patrimônio museológico”, que divide em seis categorias os envoltórios utilizados para o anteparo dos acervos que são: região, sítio, edifício, sala, mobiliário e suporte.

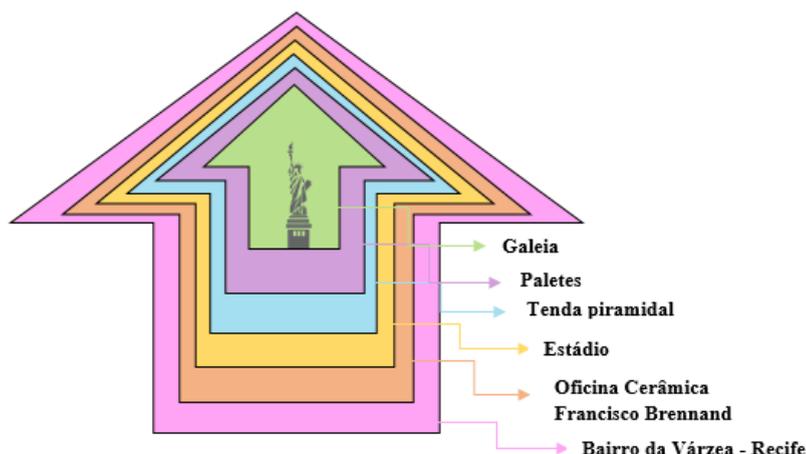
Figura 3 - As 6 camadas de envoltório.



Fonte: Guia de gestão de riscos para o patrimônio museológico (2016).

Na imagem a seguir estão apresentados os elementos que compõem as camadas de envoltório utilizadas na salvaguarda do acervo IOCFB, o esquema apresenta de forma crescente os seguintes itens: Galeias; paletes; tenda piramidal; Estádio; Oficina Cerâmica Francisco Brennand; Bairro da Várzea - Recife. Itens esses que se relacionam com o esquema de camadas de envoltório apresentado pelo “Guia de gestão de riscos para o patrimônio museológico”.

Desenho 2 - Organização da reserva técnica provisória.



Fonte: Elaboração própria (2023)

Comparando as divisões do “Guia de gestão de Riscos” (Figura 2) com a organização da reserva técnica analisada (Desenho 1), os esquemas ficariam equiparados da seguinte forma: 1- o suporte onde o objeto está depositado seria referente às galeias utilizadas para o acondicionamento dos bidimensionais; 2- a função do mobiliário sobre o qual o item está apoiado equivale a função dos paletes; 3- correspondendo às salas, podemos pensar o uso das tendas, pois criam uma setorização do espaço e adicionam uma camada superior de proteção; 4- o edifício nos remete a estrutura do Estádio; 5- o sítio em que o acervo está localizado trata-se da área do IOCFB; e por fim, 6- a região, que seria o bairro da Várzea ou até mesmo a cidade do Recife.

Pensando no risco do aumento do nível do rio foi adicionada uma outra camada de paletes em cada tenda, elevando um pouco mais as obras do nível do chão, além disso foram adicionadas às laterais das tendas uma cobertura feita de lonas pretas que protegeriam as obras de possíveis respingos de chuva que viessem a adentrar pelo telhado, considerando que o pé direito do local é muito alto e é coberto por telhas tradicionais, sem a proteção de um forro, possuindo apenas uma tela de proteção contra sujidades dos telhados.

Figura 4 - Esquema de acondicionamento das obras bidimensionais com o uso de tendas, coberturas laterais, galeias e paletes.



Fonte: Elaboração própria (2023)

A imagem apresenta a composição de elementos utilizados para a proteção das obras contra respingos de chuvas e sujidades.

As chuvas na cidade também despertaram o alerta para outros pontos do museu, os salões de esculturas e as instalações ao seu redor apresentaram problemas nos telhados que resultaram em vários pontos de goteiras e apodrecimento das madeiras de sustentação. Com essa emergência uma força tarefa (com a contratação de uma equipe de carregadores) foi organizada para realizar a transferência das obras cerâmicas (esculturas, painéis e placas) que não apresentassem maior fragilidade, para dentro das instalações do estádio, dividindo assim o espaço com as obras bidimensionais.

Além disso, foram elaboradas coberturas com caixas de madeiras, isopor e espuma nas obras que não poderiam ser retiradas dos salões por fragilidades ou obras fixas como murais e painéis de chão. Com essa transferência foi necessário reorganizar as tendas e obras bidimensionais para que ficassem minimamente setorizadas e separadas das tridimensionais, mas que não estivessem tão próximas dos portões (evitando possíveis respingos de chuva) ou dos locais com goteiras e viabilizando a abertura e o acesso dos portões.

Outro fator de risco que deve ser considerado dentro de um museu é o risco de incêndios, pois geralmente as instituições estão instaladas em casarões antigos com boa parte de suas estruturas em madeira e guardam itens compostos por materiais inflamáveis como papel, ou que não são tão resistentes ao fogo. É de suma importância que os espaços estejam dentro das normas de proteção e combate ao incêndio, visto que é um desastre que pode

acarretar em danos completamente irreversíveis para o acervo e para a estrutura do museu, “se um museu-casa é atingido por incêndio há uma perda de valor tipicamente grande ou total na edificação histórica e seus conteúdos”. (ICCRUM, 2016, p.12)

Apesar de se tratar de um museu que já tem anos de trajetória, a contratação de uma brigada de incêndio fixa, para a proteção e monitoramento dos espaços e acervos do Instituto só foi realizada no ano de 2022. Contando com quatro bombeiros civis plantonistas e com a aquisição de extintores principalmente e a instalação de caixas hidrantes em dois pontos da estrutura. Os bombeiros fazem parte do grupo de pessoas que possuem livre acesso ao local e realizam algumas rondas durante o dia visando os tipos de materiais encontrados na formação do acervo e em suas acomodações (grande maioria composta por plástico, isopor, tnt, fitas e equipamentos elétricos como ventiladores), essas rondas são realizadas juntamente com a equipe de segurança que está focada nas áreas externas assegurando a integridades de cadeados, portões e etc. e se atentam a possíveis alterações nas rotinas.

Uma das causas mais comuns dos incêndios em instituições está ligada às instalações elétricas. Atentos a isso uma equipe de eletricitas também foi chamada para refazer as instalações elétricas do local que agora contam com dispositivos de segurança em seu circuito, sendo alguns deles:

Dispositivo:	Função:	Imagem:
Interruptores Diferenciais (IDR)	Protegem os indivíduos de fugas de corrente acima de 30 miliamperes (choques elétricos), ao ultrapassar esse valor o IDR desliga o circuito de forma automática.	<p data-bbox="1134 1317 1337 1352">Figura 5 - IDR.</p>  <p data-bbox="1050 1615 1423 1650">Fonte: BHS Eletrônica [s.d]⁴</p>
Dispositivo de Proteção Contra Surtos (DPS)	Visa proteger as instalações de fenômenos atmosféricos, agindo de forma parecida a de um para-raios, direcionando as correntes para o aterramento da instalação.	<p data-bbox="1134 1680 1337 1715">Figura 6 - DPS.</p> 

⁴ <https://www.bhseletronica.com.br/interruptor-diferencial-residual.php>

		Fonte: Mundo da elétrica (2016) ⁵
Disjuntor termomagnético	Proteção contra sobrecargas, atua no monitoramento do sistema elétrico através da sensibilidade ao calor, interrompendo o fluxo de energia e evitando curtos-circuitos.	<p>Figura 7 - Disjuntor Termomagnético.</p>  <p>Fonte: Ensinando elétrica [s.d]⁶</p>

Além da instalação de lâmpadas de emergência que são ativadas com a queda de energia elétrica, auxiliando em uma possível evacuação do espaço de forma segura.

Passado o inverno e as fortes chuvas na cidade do Recife, pudemos observar que as lonas pretas utilizadas na proteção das tendas além de juntar muita poeira, acabava contribuindo para o aumento da umidade junto às obras, e influenciando na degradação dos objetos. Com isso foi realizada a troca do material pelo tnt (Tecido não tecido), visando proteger as peças das sujidades e tornar o ambiente menos abafado para sua guarda. As lonas retiradas foram rapidamente descartadas por apresentarem um grande acúmulo de poeira e sujidades que não caberiam estar armazenadas no mesmo espaço das obras, criando assim uma rotina estabelecida que mantém o espaço limpo e organizado respeitando os conceitos de reserva técnica.

Durante os processos foi necessário entender que as ações em prol da conservação daquele ou de qualquer acervo físico abrangem questões amplas que podem se referir ao ambiente em que a instituição está localizada e ao espaço em que as obras foram depositadas, e com isso foram necessárias devidas adaptações que viabilizaram a ambientação e retardam os efeitos da degradação no acervo como vimos durante toda a seção.

Essas adaptações na área da conservação preventiva podem ser realizadas de diversas maneiras (provisórias e paliativas ou permanentes), variando principalmente com as questões orçamentárias dos projetos, no caso em questão por se tratar de medidas provisórias não estavam incluídas alterações que intervissem grandemente na temperatura e umidade do local como, ar condicionados, exaustores ou desumidificadores, mas contávamos com um

⁵ <https://www.mundodaeletrica.com.br/dispositivo-de-protecao-contrasurtos-dps-como-funciona/>

⁶ <https://ensinandoeletrica.blogspot.com/2018/09/o-que-e-um-disjuntor-termomagnético.html>

dispositivo de monitoramentos da temperatura e umidade (Datalogger) que auxilia nas decisões de pequenas mudanças paliativas a serem realizadas, visando um melhor acondicionamento e conforto térmico para as obras.

Aliado a isso, são mantidas ações constantes envolvendo acondicionamento e organizações que reduzem os impactos físicos. Mesmo com as limitações orçamentárias vimos que é possível encontrar exemplos de instituições que salvaguardam seus artefatos baseadas na conservação preventiva e nas boas práticas para com seus acervos, perpetuando assim suas histórias através dos objetos de museus.

Devido a urgência da movimentação não foi possível a realização de um diagnóstico prévio que conte um pouco sobre o estado de conservação das obras antes de serem movidas para o local de guarda atual, mas, depois de um ano e cinco meses, já é visível um certo impacto, provavelmente causado pelas condições de temperatura e umidade; principalmente nas obras em papel, os danos percebidos até o momento são, amarelecimento, manchas de umidade, foxing e alguns pontos de mofos. Esses danos podem ser provenientes do alto índice de umidade no espaço que em alguns momentos chega a muito próximo de atingir 100 por cento e pela incidência constante de luz solar que aumenta consideravelmente a temperatura durante o dia, reduzindo a noite, essa variação pode interferir no material, mas em algumas situações mais duradouras o acervo pode acabar se adaptando a essa variação de temperatura, estabilizando as alterações no material.

2.3. Documentação nas reservas técnicas do Instituto Cerâmica Francisco Brennand

Como vimos na seção anterior, é muito importante que a reserva técnica esteja integrada às demais atividades do museu e principalmente às atividades relacionadas ao acervo. Sendo a documentação uma das áreas de integração que mais se destaca nesse caso e que influencia em demandas cotidianas dentro das RTs, como buscar uma peça por exemplo. Visto que um fator importante dentro desse espaço é a rápida localização das obras, é fundamental que as informações estejam atualizadas e de fácil entendimento, já que influenciam na fruição dos demais procedimentos que o envolvem. No caso da reserva e acervo que estamos avaliando, as informações de localização encontravam-se defasadas e dificultaram principalmente as atividades de documentação e até mesmo a busca por peças específicas, já que ainda estavam guardadas sob a ótica dos lugares que ocupavam na antiga reserva, mas que devido a tantas reorganizações essa lógica já não fazia mais sentido porque os itens foram reorganizados de acordo com a necessidade durante as movimentações, eventualmente os itens eram agrupados de acordo com as informações de propriedades ou por

tamanhos, o que inutilizou a antiga marcação das galeias.

Com isso, após as medidas de segurança emergenciais, foi necessário a realização de um mapeamento das obras bidimensionais e a atualização das medidas, incluindo as molduras das obras, visto que um dos problemas encontrados principalmente nas montagens de exposições era a falta de medida das obras emolduradas, contando apenas com o tamanho do suporte que gerava erro nos projetos e montagens. O mapeamento foi realizado com base nas duas divisões de armazenamento: obras de tamanhos maiores que ocupam cinco tendas enumeradas de 1 à 5 (Ex: Tenda 1; Tenda 2; Tenda 3...), onde não foram realizadas alterações de local e nem organização por proprietários por se tratar de peças maiores e não contarmos com equipe suficiente para a realização dessa movimentação.

E posteriormente as obras de tamanhos menores acondicionadas em galeias que ocupam quatro tendas (Tenda G1 à Tenda G4): as galeias foram enumeradas e organizadas por propriedades para facilitar a localização, visto que a coleção salvaguardada dentro da RT ainda possui itens de propriedade dos herdeiros do artista. Exemplos:

Figura 8 - Organização de obras maiores e enfileiradas.

	A	B	C	D	E
1	Fileira da Esquerda				
2	Nº	Título	Proprietário	Medidas - Moldura	Imagens
3	1	"Obra"	SIGLA.0000	130 x 100 cm	link
4	2	"Obra"	SIGLA.0001	130 x 97 cm	link
5	3	"Obra"	SIGLA.0002	98 x 130 cm	link
6	4	"Obra"	SIGLA.0003	130 x 81 cm	link
7					
8					
9					
10					
11					
12					
13					
14					
15					
16					
17					
18					
19					
20					
21					
22					
23					
24					
25					

+ ☰
Tenda 1 ▾
Tenda 2 ▾
Tenda 3 ▾
Tenda 4 ▾
Tenda 5

Fonte: Elaboração própria (2023)

Figura 9 - Organização de obras menores em galeias.

	Número antigo	Número definitivo	Título	Link imagem	Medidas
2	GALEIA G38				
3	P0264	IOCFB.0016	"Menina dos olhos verdes"	link	38 x 25 x 3 cm
4	1081	SIGLA.0001	"Obra"	link	130 x 97 cm
5	0812	SIGLA.0002	"Obra"	link	98 x 130 cm
6	0944	SIGLA.0003	"Obra"	link	130 x 81 cm
7	0943	SIGLA.0004	"Obra"	link	126 x 96 cm
8	0937	SIGLA.0005	"Obra"	link	129,6 x 109,2 cm
9	1082	SIGLA.0006	"Obra"	link	110 x 130 cm
10	0561	SIGLA.0007	"Obra"	link	111 x 130 cm
11	0808	SIGLA.0008	"Obra"	link	112 x 130 cm
12	0949	SIGLA.0009	"Obra"	link	113 x 130 cm
13	GALEIA G2				
14	0152	SIGLA.0000	"Obra"	link	130 x 100 cm
15	0084	SIGLA.0001	"Obra"	link	130 x 97 cm
16	0082	SIGLA.0002	"Obra"	link	98 x 130 cm
17	0366	SIGLA.0003	"Obra"	link	130 x 81 cm
18	1084	SIGLA.0004	"Obra"	link	126 x 96 cm
19	0927	SIGLA.0005	"Obra"	link	129,6 x 109,2 cm

Fonte: Elaboração própria (2023)

As informações do mapeamento foram todas colocadas em planilhas viabilizando a pesquisa e a busca das peças, devendo entrar futuramente no banco de dados e nas fichas catalográficas de cada obra. Podemos visualizar nos exemplos os campos utilizados para preencher as planilhas que utilizam: numerações referentes aos itens; títulos; dimensões; e link das imagens. Com essas informações seria possível saber que a obra de numeração: IOCFB.0016, e título: "Menina dos olhos verdes" está acondicionada na galeia 38, localizada na tenda G1 e possui as dimensões 38 x 25 x 3cm com moldura (dados fictícios).

A realização desse mapeamento contribuiu diretamente para a construção da ferramenta de diagnóstico simplificado, proposta no início da pesquisa, o contato direto com as obras permitiu traçar os danos sofridos pelo acervo bidimensional e também do acompanhamento do funcionamento ou não das medidas paliativas de conservação preventiva adotadas pela equipe responsável pelo acervo.

3. A FERRAMENTA DE DIAGNÓSTICO DE RESERVAS TÉCNICAS

No início da pesquisa foi proposto a construção de uma ferramenta de diagnóstico simplificado de Reservas Técnicas, no intuito de mapear as condições atuais referentes às adequações realizadas no espaço com base na conservação preventiva e segurança dos acervos, e com isso entender os níveis de avanço das adequações realizadas na RT provisória com relação aos “ideais” de uma reserva técnica. Com a proposta de possuir um fácil preenchimento e campos básicos que se relacionam diretamente ao processo realizado na RT analisada, mas que possa ser utilizada e adaptada para outras reservas técnicas e instituições.

A ferramenta foi elaborada com base nos seguintes textos, “Guia de gestão de riscos” elaborado pelo ICROM (International Center for the Study of Preservation and Restoration of Cultural Property) e pelo programa IBERMUSEUS, que além de ser uma das principais referências da pesquisa, discute de forma bem abrangente os principais riscos com relação ao acervo físico e estruturais das instituições. “Cadernos Técnicos 8: Reserva Técnica” Yacy-ara Froner (2008) abordando questões técnicas e estruturais das RTs; “A reserva técnica também é museu” de Antônio Mirabile (2010) e por fim, a ferramenta de análise do Re-org, que é uma metodologia do ICROM em parceria com o CCI (Instituto Canadense de Conservação) elaborada para pensar a gestão de coleções envolvendo a organização dos acervos e os espaços dentro das instituições.

A ferramenta elaborada é composta por 6 (seis) itens e 18 (dezoito) subitens que abordam componentes estruturais e referentes ao acervo, envolvem as seguintes classificações: Espaço, Controle Ambiental, Organização, Segurança Patrimonial, Controle de riscos e Coleções e Objetos. Que setorizam as mudanças e rotinas da RT em grupos específicos, dessa forma é possível realizar uma análise dos riscos e gerar um diagnóstico simplificado do acervo, espaço e atividades relacionadas.

Os campos que compõem a ferramenta de análise de risco, serão explicados a seguir, com o intuito de contribuir em seu preenchimento e principalmente com seu uso e com a análise dentro das instituições.

QUANTO AO ESPAÇO FÍSICO:

- Acessibilidade e mobilidade: Para pensar este tópico é necessário entender que as questões de acessibilidade e mobilidade se referem a integridade do acervo e da equipe que acessa regularmente o espaço. Devemos avaliar então, as possibilidades de manejo dos

objetos dentro do local e caso haja necessidade de sua retirada, ou seja, é preciso conhecer as dimensões dos itens para pensar uma organização inteligente e que facilite o manejo. O acesso ao local também é algo importante a ser avaliado, onde está localizada a RT? É possível o uso de carrinhos de transporte? As portas de acesso permitem a passagem do acervo com uma boa margem de segurança? Questões como essas são importantes nesse quesito da análise, é preciso que todo o acervo esteja acessível, para em caso de sinistro facilitar na retirada das obras e permitir livre passagem da equipe.

-Estrutura Física - Cobertas e Fundação: Embora estejam separados, ambos os campos buscam avaliar as condições estruturais da edificação a qual a Reserva Técnica ocupa, nesse caso, é interessante a presença de profissionais especializados, engenheiros ou arquitetos para realizarem um diagnóstico minucioso da estrutura e encanadores para avaliar as questões hidráulicas e de esgoto, garantindo o seguimento da ABNT e da NBR 5674⁷ e suas normas relacionadas que frisam a importância da manutenção predial.

As inspeções nas manilhas, canos e forros devem ser constantes, numa periodicidade não inferior a quatro vezes ao ano, antes do período das chuvas – ou seja, considerando as relações sazonais da região onde está localizado o prédio –, e os reparos devem ser prioritários, pois as infiltrações geram problemas imediatos nos acervos mesmo quando há equipamento de controle (Froner, 2008, p.5).

No geral, podemos nos atentar a problemas como, infiltrações; goteiras; afastamento de telhas; integridade da estrutura do telhado; rachaduras; integridade da pintura; descolamento ou rachaduras no piso; presença de mofo ou bolor na parede, vazamentos de encanações e etc.

-Infraestrutura Elétrica: Sendo uma das principais causas de incêndio dentro das instituições, é imprescindível garantir uma infraestrutura elétrica bem equipada e realizada por profissionais experientes que entendam as necessidades de segurança específicas do local. Quanto a equipe responsável pela RT, é importante checar itens básicos utilizados dentro do espaço, observar as condições das caixas de tomada; evitar o uso de extensões e adaptadores que sobrecarregam a rede elétrica e podem gerar curtos; cobrar manutenções regulares de ar-condicionado e desumidificadores, garantindo o bom funcionamento dos equipamentos e a segurança do acervo.

-Rotina de Limpeza: A constância da higienização do espaço e o treinamento da equipe de limpeza são fatores a serem considerados nesse campo. É fundamental orientar esses trabalhadores a: identificar sinais de infestações por pragas; manusear os equipamentos de limpeza com segurança para não atingir as obras; não utilizar produtos químicos que

⁷<https://sindicolegal.com/abnt-nbr-5674/#:~:text=A%20NBR%205674%3A2012%20estabelece,anual%20das%20atividades%20de%20manuten%C3%A7%C3%A3o.>

possam danificar os materiais que compõem as coleções e o não uso de equipamentos que espalhem as sujidades como vassouras, sendo indicada a troca pelo uso do aspirador de pó. A conscientização sobre o uso de lixeiros secos, e a proibição de acesso a RT portando alimentos e bebidas, para evitar a presença de insetos e roedores também está sendo considerada na rotina de limpeza, visto que é importante a contribuição da equipe para manter a higiene do espaço.

QUANTO AO CONTROLE AMBIENTAL:

-Climatização e Controle de temperatura: O controle por intermédio de equipamentos como, ar-condicionado e exaustores é de fato muito importante para a conservação preventiva dos itens salvaguardados, evitando a proliferação de fungos e o desgaste dos suportes. Considerar as temperaturas locais da região em que o museu está instalado é importante inclusive para pensar nas medidas de intervenção e controle. No caso da Reserva técnica provisória do IOCFB não existe o uso desses equipamentos, apenas o acompanhamento por meio de um datalogger, o que é um problema que gera danos às obras, derivados da variação de temperatura constante, embora a exposição a essas condições por um longo período faça com que os materiais se adaptam às variações.

-Controle de umidade: Aqui também deve-se levar em conta a região de localização do museu, e o fato de que a temperatura e umidade do ar andam atreladas. A presença de desumidificadores é um grande auxílio nesse controle interno da umidade, contribuindo para evitar o avanço do processo de degradação das obras que pode ser ainda mais severo em acervos de suportes majoritariamente em papel como é o caso da oficina.

A umidade do ar é uma das variáveis mais importantes no processo de degradação: excesso de U.R. combina ação hidratante e corrosiva; carência promove desidratação e diferença de contração; a mudança dos coeficientes de U.R. estimula um câmbio dimensional dos materiais higroscópicos, ocasionando um esforço físico muitas vezes maior do que o suportável pelos objetos. Um coeficiente muito alto de umidade provoca a corrosão dos objetos metálicos, atacando também as superfícies dos vidros – tornando-os baços e esbranquiçados – devido ao alto teor alcalino. Os sais higroscópicos de alguns objetos tratados, em pedra e cerâmica, podem formar cristais de maior volume. Além do mais, a umidade é base para o crescimento de microrganismos e proliferação de insetos (Froner, 2008, p.11).

No trecho acima, Froner, 2008 destaca os principais danos causados pela variação da umidade do ar aos mais diversos tipos de acervos.

-Medidas contra deteriorações biológicas: Neste tópico as atenções vão além da contratação periódica de serviços de dedetização ou o uso de armadilhas para roedores, esse controle está associado diretamente às pautas de higienização e limpeza do espaço, bem como o treinamento da equipe para identificar rapidamente a presença das pragas dentro das RT's. O controle de itens que serão levados para dentro desses espaços também é algo de extrema importância, não se deve por exemplo, levar um mobiliário ou até mesmo uma obra em madeira, sem uma avaliação minuciosa e um tratamento prévio, para as instalações da reserva e colocar em contato direto com os outros objetos já existentes ali, pois o risco de contaminação por pragas é altíssimo, o mesmo deve ser feito para objetos de outros materiais.

-Proteção contra Incidência de Luz: Aqui devemos considerar a incidência de luz natural e artificial, que pode ser monitorada por meio de luxímetros, sendo um dos danos menos reversíveis aos suportes vegetais. A organização dos objetos no espaço será uma grande aliada quando se trata da exposição à luz natural, recomenda-se evitar posicionar os suportes em material vegetal próximo aos locais por onde entra a luz com maior incidência, por exemplo, próximo a janelas. No caso de instituições que não se tenha como evitar esse contato, é possível utilizar películas de proteção UV nos vidros de portas e janelas e cortinas *blackout* de material não inflamável, criando uma barreira entre os objetos e essa porta de entrada de luz. Quanto à iluminação artificial, o posicionamento e a medida de lux presentes na iluminação do espaço são fatores determinantes para os danos causados ou não ao acervo, que podem ser resolvidos a partir da regulação desses dados.

QUANTO A ORGANIZAÇÃO:

-Acondicionamento e armazenagem: Pensar os materiais utilizados no acondicionamento dos objetos é o primeiro passo para a avaliação deste tópico, utilizar materiais inertes; não abrasivos; estáveis; sem o aditivo de corantes (brancos ou transparentes); materiais neutros e que não se fragmentem com facilidade são os itens ideais para realizar procedimentos de acondicionamento. Além disso, o mobiliário que irá compor esse processo, deve ser idealizado pensando na densidade da coleção, mapotecas e armários abarrotados de itens não vão desempenhar com excelência seu papel perante as boas condições de armazenagem dos objetos, da mesma forma que galeias sobrecarregadas de quadro irão afetar a estrutura da moldura das obras e conseqüentemente afetar o suporte. É

importante frisar que esse acondicionamento não pode gerar o abafamento das obras e nem microclimas, visto que pode haver a proliferação de fungos e insetos xilófagos, agravando a degradação das obras.

-Espaço Útil: Estamos nos referindo ao espaço de ocupação livre para abrigar o acervo, que deve comportar de forma confortável os objetos, sendo bem delimitado e isolado de áreas, como salas de preparação, depósitos e almoxarifados. Estamos falando de um espaço amplo ou algo mais limitado? Comporta confortavelmente os mobiliários de suporte e o acervo? Perguntas como essas são úteis na hora de pensar esse tópico.

-Sala de apoio: Salas de apoio ou de preparação, servem de suporte para a Reserva Técnica e preferencialmente devem estar próximas. Geralmente, é nesse espaço em que as atividades relacionadas a documentação, expografia, conservação e etc. são realizadas. Pode ser o espaço mais adequado, em alguns casos, para a guarda do material de trabalho, desde que nele não sejam armazenados materiais em grandes quantidades, para não impedir/afetar a circulação e a realização de atividades no espaço. Algumas instituições possuem também uma sala de quarentena, para o isolamento de itens com alguma especificidade, já aquelas que não contam com essa sala, utilizam a de apoio, com armários e mobiliários destinados a esse tipo de demanda.

QUANTO A SEGURANÇA PATRIMONIAL

-Controle de acesso: Este é um campo que demanda bastante atenção e organização, as autorizações de acesso a RT devem ser claras e de conhecimento de toda equipe. Saber quem pode ou não permanecer sozinho no espaço; quem tem acesso às chaves; quem acompanha as atividades com presença de terceiros, são os primeiros passos para essa organização. A existência de um duplo acesso; proibição de entrada de bolsas e mochilas, bem como o uso de sapatos de salto; presença de crianças; pessoas portando comidas e bebidas, também devem estar listadas no plano de acesso, com o objetivo de evitar possíveis danos e furtos, ou até mesmo o vazamento de informações sigilosas de dentro do espaço.

-Rondas de Segurança: O ideal é ter a Reserva Técnica instalada no centro das estruturas do museu, interligada aos espaços utilizados para apoio e apresentando um acesso amplo e seguro, facilitando o controle e a ronda de segurança, mas caso não seja possível, a preferência é por lugares afastados de estacionamentos, saídas ou em anexos muito expostos, intensificando as rondas e presenças de seguranças no local e se possível a instalação de câmeras de segurança com uma central e um responsável pelo controle. Os seguranças

também devem ser responsáveis pelo livro de ocorrências, registrando e comunicando tudo aquilo que estiver fora dos padrões de costume, para isso é preciso estabelecer uma lista de contatos especificando os membros da instituição que devem ser acionados em casos de emergências e ocorrências com o acervo.

QUANTO AO CONTROLE DE RISCOS

-Medidas contra riscos de enchentes: A chuva e o aumento do volume da água dos rios deve ser uma preocupação constante em regiões que costumam ter áreas que sofrem com alagamentos e enchentes, mesmo que não seja especificamente no local em que o museu está instalado. Regiões com climas variados, como a cidade do Recife que além disso, sofre com uma rede de esgoto precária, um grande número de córregos e três rios que cortam a cidade (Rio Capibaribe, Rio Beberibe e Rio Tejipió), apresentando inúmeros pontos de alagamentos, devem adotar medidas de segurança que visem evitar o máximo possível o alcance da água à área da Reserva Técnica e pensar também no que fazer caso essa água atinja a parte interior da RT.

-Segurança contra incêndio: Um dos mais temidos riscos para as instituições museais, podendo ter as mais variadas causas - curtos elétricos; negligência com o uso de cigarros; fásca do uso de máquinas, entre outras - podendo levar a combustão total ou parcial dos itens e da estrutura dos museus, gerando perdas irreparáveis. Portanto, é imprescindível que a instituição se mantenha dentro das normas de proteção e combate a incêndios, possuindo o AVCB (Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros)⁸ vistoria realizada pelo Corpo de Bombeiros Militar, onde são avaliados itens que estão dentro das normas da legislação ou Código de Segurança estadual.

Além disso a instituição deve sempre conferir as condições da infraestrutura elétrica do local; a sinalização a respeito do uso de cigarros e isqueiros; validade de extintores e funcionamento das caixas de hidrantes, bem como, a presença de uma brigada de incêndios e a orientação dos funcionários em geral, sobre o uso dos extintores. É indispensável a elaboração de um protocolo de evacuação e resgate das obras de arte em caso de acidentes/sinistros. Em alguns casos é interessante que a instituição possua uma lista de obras "escolhidas", uma espécie de relação de obras mais importantes, obras raras ou obras mais emblemáticas, para primeiro saber o que seria mais importante salvar, e depois pensar como a organização do espaço possibilitaria e facilitaria essa remoção urgente.

⁸ <http://www.bombeiros.pe.gov.br/web/cbmpe/atestado-de-regularidade#perg2>

QUANTO ÀS COLEÇÕES/OBJETOS

-Documentação referentes a coleção: Para uma boa base de documentação é preciso ter bem definido e documentado as políticas e procedimentos da instituição, através de sua missão, para definir por exemplo, termo de *Facility Report*, políticas de aquisição e descarte, o tratamento das coleções, e quais coleções são interessantes para a instituição. Assim evitando o acúmulo de itens e possibilitando realizar a desincorporação ou alienação dos excedentes destinando-os a outras instituições, definindo também questões de gestão do acervo: procedimentos de entrada, aquisição, catalogação, conservação, que podem vir a impactar nas áreas de armazenamento.

A documentação é uma grande aliada das questões de segurança patrimonial e segurança física do acervo. Um inventário bem elaborado e uma documentação padronizada aumenta o controle da instituição sobre as peças que estão salvaguardadas, contribuindo para o aumento da segurança do acervo e facilitando a identificação da ausência de algum dos objetos e possibilitando o reconhecimento do item caso ele seja levado do museu.

-Estado geral de conservação das obras: aqui frisamos a importância de conhecer o acervo e de sempre estar circulando entre ele e o avaliando para perceber possíveis alterações. é fundamental que seja uma atividade realizada por mais de um dos membros da equipe, realizando um controle através checklists, como forma de estruturar esse acompanhamento no dia e não ficar limitado a uma única pessoa. Deve-se avaliar as características extrínsecas das obras, com relação a conservação preventiva como: acúmulo de sujidades, amarelecimento dos suportes, manchas de umidade, integridade das molduras, rachaduras nos vidros, presença de polias e etc. com esse tipo de rotina conseguimos facilmente estabelecer a realização anual de um diagnóstico mais detalhado do acervo ou atualizar na mesma frequência o estado de conservação das obras em suas respectivas fichas de catalogação.

Essas definições que vimos acima, são alguns dos apontamentos necessários para o preenchimento da ficha da ferramenta de diagnóstico simplificado que podem ser adaptadas para a realidade e necessidade da Reserva técnica para qual será utilizada, a ferramenta se encontra nos apêndices da pesquisa, em formato de planilha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou entender um pouco sobre a temática de reservas técnicas, desde o que se imagina ser o início de seu uso, na década de 60, a seus principais conceitos e ideais, bem como sua relação com a conservação preventiva. Essa temática foi escolhida por sentir falta de trabalhos acadêmicos que relatassem as experiências de colocar o que encontramos nos manuais de conservação, em prática, apresentando as dificuldades e adaptações que as instituições encontram nesses momentos. Por isso, com esse trabalho buscamos relatar o processo de adequação de um espaço de uso comum em uma Reserva Técnica dentro do Instituto Oficina Cerâmica Francisco Brennand, relacionando-o com a conservação preventiva.

Com o objetivo de analisar esse processo e as tentativas de torná-lo próprio para salvar o acervo, mesmo que de forma provisória, observar os procedimentos adotados pela instituição com o objetivo de alcançar minimamente os ideais de uma RT, além de entender as carências desse espaço em grande parte das instituições museais. Conseguimos atingir esse objetivo e além disso perceber as infinitas possibilidades de manejar ou gerir os acervos de acordo com os quesitos de conservação que desejavam atender. E perceber como é fundamental a presença de profissionais que utilizam das medidas de conservação preventiva para elaborar essas adequações de forma consciente e embasada. Desta forma visualizar que embora seja mais comum encontrarmos RTs inapropriadas e instáveis, geralmente pior em pequenos museus ou museus públicos, também é uma realidade em museus de maior estrutura e conseqüentemente maior investimento, mas que em ambos os casos podem ser minimizados através de medidas paliativas ou alternativas, possibilitando o retardo na degradação dos objetos.

Para atingir a compreensão dessa realidade foi necessário compreender os modelos ideais de Reserva Técnica para a museologia e sua história, além de, descrever da forma mais clara possível os processos e tomadas de decisão que viabilizaram a adequação do espaço na instituição e por fim, a elaboração de uma ferramenta de diagnóstico simplificado e suas especificações para que pudesse ser comparado com a realidade de outros locais perante seus ideais. Tudo isso realizado através de pesquisas bibliográficas, documentais e por meio de uma observação participante, visto que além de pesquisadora pude estar no espaço participando do processo como estagiária, considerando aspectos teóricos e práticos para sua realização e chegando a resultados satisfatórios com relação à temática.

Durante a realização do trabalho poderia ter sido mais abrangente com relação às

questões de documentação realizadas durante o processo ou aprofundar um pouco mais sobre o padrão de precarização das reservas técnicas, sendo esses dois tópicos possibilidades para pensar futuras pesquisas, tal qual o acompanhamento de processos semelhantes em instituições que não possuem nenhuma Reserva Técnica, ou a comparação dos ideais aqui utilizados com o espaço de uma RT bem estruturada e perceber então o funcionamento de fato das possibilidades listadas como as mais adequadas.

REFERÊNCIAS

BOMBEIROS PE. *In: Atestado de regularidade.* [S. l.], [s.d.]. Disponível em: <http://www.bombeiros.pe.gov.br/web/cbmpe/atestado-de-regularidade#perg2>. Acesso em: 4 abr. 2023.

BHS. *In: Interruptor Diferencial Residual.* [S. l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.bhseletronica.com.br/interruptor-diferencial-residual.php>. Acesso em: 2 fev. 2023.

ENSINANDO elétrica. *In: O que é um disjuntor termomagnético.* [S. l.], [s.d.]. Disponível em: <https://ensinandoeletrica.blogspot.com/2018/09/o-que-e-um-disjuntor-termomagnetico.html>. Acesso em: 3 fev. 2023.

FRONER, Y. **Cadernos Técnicos 8: Reserva Técnica.** Belo Horizonte: EBA-UFGM, IPHAN, 2008. Disponível em: <https://silo.tips/download/topicos-em-conservacao-preventiva-8>

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa.** - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf

IBERMUSEUS, ICCROM, 2017 (versão em português). **Guia de gestão de riscos.** ISBN 978-92-9077-270-5. Disponível em: https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-01/guia_de_gestao_de_riscos_pt.pdf

LEI No 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009. **Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. sindaco

MIRABILE, Antônio. **A reserva técnica também é museu.** In: Boletim Eletrônico da ABRACOR, No 1. Rio de Janeiro: ABRACOR, 2010. Disponível em: <https://antoniomirabile.com/images/competence/56bf5dfd06e968.57668508-areservatecnicatambememuseu.pdf>

MATTEDE, Henrique. *In*: MUNDO da Elétrica. **Conceitos de eletricidade: Dispositivo de proteção contra surtos (DPS), como funciona?**. [S. l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.mundodaeletrica.com.br/dispositivo-de-protecao-contrasurtos-dps-como-funciona/>. Acesso em: 3 fev. 2023.

RE-ORG: Um Método para Reorganizar a Reserva Técnica de Museus. ISBN 978-92-9077-277-4 II. Planilhas de Trabalho ISBN 978-92-9077-279-8

SCHEINER, Teresa Cristina M. **Apolo e Dioniso no Templo das Musas/ Teresa Cristina M. Scheiner.** - Rio de Janeiro: UFRJIECO, 1998. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/30/teses/491242.pdf>>.

SÍNDICO Legal. *In*: **ABNT - NBR 5674: Norma da associação brasileira de normas técnicas, que estabelece os requisitos do sistema de gestão de manutenção de edificações.** [S. l.], [s.d.]. Disponível em: <https://sindicolegal.com/abnt-nbr-5674/#:~:text=A%20NBR%205674%3A2012%20estabelec%20e,anual%20das%20atividades%20de%20manuten%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 12 fev. 2023.

TÉTREAUULT, Jean. **Materiais de exposição: os bons, os maus e os feios. In: Conservação, conceitos e práticas. 2ª edição,** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011. p. 95-112.

TOSTES, Vera Lúcia Bottrel. **O problema das reservas técnicas: como enfrentar o apego devorador?** In: Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. No 31. Brasília: MINC/IPHAN, 2005. p. 75-81. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat31_m.pdf>

APÊNDICE A – FICHA DE DIAGNÓSTICO

Local analisado:

Extensão do Espaço:

Responsável pela análise:

Data:

Tópicos analisados	Diagnóstico	Observações
QUANTO AO ESPAÇO FÍSICO		
Acessibilidade e mobilidade	Bom () Ruim () Regular () Inexistente ()	
Estrutura física - cobertas	Bom () Ruim () Regular () Inexistente ()	
Estrutura física – fundações e alvenaria	Bom () Ruim () Regular () Inexistente ()	
Infraestrutura elétrica	Bom () Ruim () Regular () Inexistente ()	
Rotina de Limpeza	Bom () Ruim () Regular () Inexistente ()	
QUANTO AO CONTROLE AMBIENTAL		
Climatização e Controle de temperatura	Bom () Ruim () Regular () Inexistente ()	
Controle de umidade	Bom () Ruim () Regular () Inexistente ()	
Medidas contra deteriorações biológicas	Bom () Ruim () Regular (x) Inexistente ()	.
Proteção contra Incidência de Luz	Bom () Ruim () Regular () Insuficiente ()	
QUANTO A ORGANIZAÇÃO		
Acondicionamento e armazenagem	Bom () Ruim () Regular () Inexistente ()	
Espaço útil	Bom (x) Ruim () Regular () Inexistente ()	
Sala de apoio/	Bom () Ruim () Regular () Inexistente ()	

quarentena		
QUANTO A SEGURANÇA PATRIMONIAL		
Controle de acesso	Bom () Ruim () Regular () Inexistente ()	
Rondas de Segurança	Bom (x) Ruim () Regular () Inexistente ()	
QUANTO AO CONTROLE DE RISCOS		
Medidas contra riscos de enchentes	Bom () Ruim () Regular () Inexistente ()	
Segurança contra incêndio	Bom (x) Ruim () Regular () Inexistente ()	
QUANTO ÀS COLEÇÕES/OBJETOS		
Documentação referentes a coleção	Bom () Ruim () Regular () Inexistente ()	
Estado geral de conservação das obras	Bom () Ruim () Regular () Inexistente ()	

Ass:

_____, _____ de _____ de _____.

ANEXO 1 - REQUISIÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE REGISTROS DOS ACERVOS INSTITUCIONAIS DO IOCFB



DIRETORIA ARTÍSTICA IOCFB
COORDENAÇÃO GERAL DE ACERVOS

REQUISIÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE REGISTROS DOS ACERVOS INSTITUCIONAIS DO IOCFB

Eu, Luis de Albuquerque Ribeiro
portador(a) do RG nº 10.277.698 e CPF nº 110.990.794-54,
na qualidade de pessoa física jurídica, declaro:

- Concordar que não será autorizada a reprodução de originais que possuam fac-símiles, negativos ou diapositivos ou cópias digitais, em razão da necessidade de preservação do acervo. Nesses casos serão usadas as reproduções existentes;
- Estar de acordo em mencionar o crédito ao IOCFB por ocasião da sua utilização na forma: "Acervo IOCFB";
- Assumir o compromisso de não utilizar as imagens em outros trabalhos, edições, tiragens e publicações que não os especificados na presente solicitação e não repassar a terceiros as reproduções que me forem cedidas;
- Estar ciente que o descumprimento desta disposição acarretará na suspensão temporária do acesso do usuário ao serviço de reprodução do IOCFB pelo prazo de 1 (um) ano;
- Utilizar as reproduções do acervo do IOCFB, cujas referências vão relacionadas ao final para única e exclusiva reprodução em:

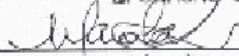
Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Museologia da USP, com temática relacionada a conservação de um objeto com uso em uma exposição técnica.
(em caso de trabalho acadêmico especificar título e/ou tema e vinculo institucional)

Obs.: Breve detalhamento dos itens/temática selecionados para pesquisa/reprodução:

- Pesquisa de gliterina antes e depois da instituição com o uso da RT.
- Atividades e melhorias realizadas no Estúdio para a salvaguarda do acervo.

Ricife, 25 de Agosto de 2022.
Luis de Albuquerque Ribeiro
ASSINATURA DO USUÁRIO

Autorizado em 25/08/22

oficina
Brennand 

RESPONSÁVEL TÉCNICO